

# O humor negro em charges impressas: trajetórias do sentido

## The caustic humor in cartoons printed: trajectories of meaning

---

Maria Madalena Borges Gutierre\*

**RESUMO:** Neste estudo, procuramos interpretar as operações de moralização e de sensibilização na produção do humor negro em charges impressas, como movimentos da linguagem que interferem na configuração do estilo do gênero. Com bases nas reflexões de M. Bakhtin e nas discussões de Greimas e Fontanille, procuramos analisar, nas formas que a linguagem adquire no contexto cultural, um observador social que projeta em discurso sua trajetória de sujeito da emoção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero discursivo. Estilo. Humor negro.

**ABSTRACT:** This paper proposes a reflection about the production of caustic humor in political cartoons. The caustic humor is treated as a language movement that is observed in the general genre style. We try to analyze in the discourse some aspects of the emotional attitudes that reveal a social observer inside the cultural context. The study is based on Mikhail Bakhtin's concepts of discursive genre and presents some discussions of Greimas and Fontanille on trajectories of the emotion.

**KEYWORDS:** Discursive genre. Style. Caustic humor.

---

\* Mestre e doutoranda em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, SP. Professora dos Cursos de Letras e Tradutor e Intérprete da UNIFRAN – Universidade de Franca – Franca, SP. Professora titular de Língua Portuguesa no ensino regular da Rede Estadual de São Paulo. E-mail: mbgutierre@uol.com.br

## Introdução

*Como Merlim, o riso é um fenômeno liminar, um produto das soleiras,... o riso está a cavalo sobre uma dupla verdade. Serve ao mesmo tempo para afirmar e para subverter. (Howard Bloch)*

Humor e humor negro... Tratá-los como sentidos que se distanciam e se aproximam requer algo mais que definição. É preciso, sobretudo, compreender os significados do riso como manifestação de linguagem e de formas de linguagem. É preciso situar o riso no tempo e no espaço de grupos sociais e identificar as sensações que tal manifestação condensa. É preciso entender como a cultura insinua-se entre os sujeitos e os convida ao humor, seja para rir nos estados de satisfação e alegria, seja para subverter o medo e a angústia, seja, ainda, para re-significar o que, de origem, é trágico.

Em *História do riso e do escárnio*, George Minois (2003) destaca o interesse pelos estudos do riso e do humor nos últimos dez anos, em diferentes campos de conhecimento, e justifica esse interesse por estarmos imersos em uma "sociedade humorística", uma sociedade "que se quer *cool* e *fun*", que encontra o humor nos meios de comunicação e nos modelos que difundem. Para Minois, embora o riso seja onipresente na mídia, é difícil delimitá-lo.

[...] o riso esconde seu mistério. Alternadamente agressivo, sarcástico, escarneador, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante [...] (MINOIS, 2003, p. 15-16)

Ainda em referência às discussões de Minois, vivemos, ao mesmo tempo, a era do riso e a morte dele, posto que o humor veiculado pela mídia é, em muitas situações, padronizado, comercializado. É esse humor que conduz a sociedade global, camufla a perda de sentido, ironiza a ausência de bom senso, dribla a incerteza. É o humor que produz o "rir por rir", o rir forçado da impotência, do constrangimento, do ridículo.

Dentre as mais variadas produções de humor, uma é retratada neste estudo – os efeitos de sentido do humor negro em charges de Angeli, publicadas na Folha de S. Paulo, por ocasião do enforcamento de Saddam Hussein. Na definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o humor negro “choca pelo emprego de elementos mórbidos e/ou macabros em situações cômicas, ou vice-versa”<sup>1</sup>, o que possibilita traçar uma trajetória de sentido fundada em confrontos discursivos e materializada na expressão.

Nas formas que adquire no discurso jornalístico, o humor negro em charges pode ser entendido como um movimento da linguagem que interfere na configuração do estilo do gênero, posto que os efeitos de sentido que produz e os modos de riso que desencadeia ora se estabilizam na produção da crítica caricatural de efeito cômico, ora revelam instabilidades pela inserção de referenciais trágicos. Em meio às interferências dos movimentos histórico-culturais e na re-significação das “tragédias sociais”, constroem-se sentidos que fazem emergir ora o sujeito enunciador que satiriza e critica, ora o que denuncia e julga. Observamos, nessa perspectiva, que há no estilo geral do gênero uma estabilidade relativa (BAKHTIN, 2000), posto que o enunciador, examinado como um sujeito social, manifesta em discurso a trajetória de valores e aspectos culturais de seu tempo, representa uma visão de mundo construída coletivamente, embora não se excluam dos matizes expressivos elementos particulares e identificadores de uma autoria.

Adotamos para estas reflexões um tratamento enunciativo, em que os *papéis* intersubjetivos definem-se e se manifestam na linguagem em uso, no diálogo,. Assim, ao refletir sobre a constituição do humor negro no estilo da charge, buscamos não só analisar as formas que a linguagem adquire na enunciação, sobretudo no sincretismo dos traços e das palavras e no diálogo entre gêneros, como também a configuração de um enunciador *observador social* que

---

<sup>1</sup> *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, 1986, p. 909.

projeta em discurso sua trajetória de *sujeito da emoção*, discussões fundamentadas em *Semiótica das paixões*, de Greimas & Fontanille (1993).

### **Gênero, estilo e identidades sociais no discurso jornalístico**

*O "eu" pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do "nós".*  
(Voloshinov/Bakhtin)

As formas de expressão apresentam elementos que se preservam e outros que se modificam, de modo que se reconheça no todo enunciativo o caráter representativo e, portanto, social, da linguagem em suas mais diversas manifestações. Assim, ao partir das formulações sobre gêneros de discurso, tal como figuram nos estudos bakhtinianos, para proceder ao estudo do sentido em charges impressas, consideramos que tal modo de enunciar apresenta em sua constituição aspectos relativamente estáveis de organização, os quais identificam um estilo geral, posto que são inerentes à natureza do enunciado. Traços caricaturais e recursos verbais integram o plano expressivo e se estabilizam no gênero, assim como os temas freqüentemente políticos, re-significados na "história do presente". Na leitura da charge estão previstos o humor crítico e o escárnio, coexistem a opinião e a notícia. Pode-se dizer que a totalidade da charge assemelha-se à totalidade do jornal que a veicula; ao mesmo tempo, é na totalidade do jornal que o chargista funda seu texto.

A totalidade de um jornal é entendida, no presente estudo, em dois aspectos. No primeiro, consideramos o processo de elaboração do noticiário e das páginas de opinião em que se prevê o estabelecimento de equilíbrio entre os interesses da instituição e as expectativas da coletividade, o que, para Melo (1985, p.10), "pressupõe velocidade, credibilidade e abrangência". As peculiaridades do processo jornalístico variam "de acordo com a estrutura sócio-cultural em que (a instituição) se localiza, com a disponibilidade de canais de difusão coletiva e com a natureza do ambiente político e econômico que rege a vida da coletividade" (MELO, 1985, p. 10). Depreende-se dessas observações que o discurso jornalístico

também se constitui em meio à tensão entre o que a coletividade quer saber e o que o jornal quer fazer saber, em meio a um jogo de interesses e ao estabelecimento de contratos que garantem, reciprocamente, a adesão do público e a função social da instituição jornalística.

Um segundo aspecto da totalidade de produção de um jornal revela-se no estilo e define o “tom” do produto que entra em circulação; ao mesmo tempo, diferencia-o dos demais. Diz Landowski (1992, p. 118) que o tom, o perfil que definem um jornal fazem dele “uma *figura social* capaz de cristalizar duradouramente atitudes de atração ou de repulsão”. Diferentemente de outros bens de consumo que mobilizam variabilidade de comportamento, como adquirir roupas novas, mudar a alimentação, o jornal “solicita de cada indivíduo a compulsão inversa, exigindo a repetição, favorecendo o hábito ou a rotina, ou, menos disforicamente, uma certa constância”. Ao permanecer fiel ao jornal, o leitor permanece fiel a si mesmo, já que a constituição desse veículo de opinião e informação se faz entender na identidade dos sujeitos e na orientação do gênero a um leitor coletivo. Tal relação de fidelidade é discutida por Landowski a partir de imbricações que aparentemente se tecem entre *tempo* do discurso e *identidade* dos sujeitos. Percebem-se, assim, dois planos: um em que o jornal cumpre sua *função referencial* ao informar uma história do presente e outro que, simultaneamente e por recorrência da enunciação, constrói identidades sociais.

Ao tempo contado, “enunciado”, o da *narrativa* dos acontecimentos noticiados, se superpõe, assim, um tempo “vivido”, tempo da enunciação (e da recepção) do *discurso* que serve de suporte para a constituição da imagem própria do jornal como sujeito coletivo enunciante, e, correlativamente à formação de um certo hábito próprio da clientela da qual se alimenta e, sem dúvida, satisfaz a expectativa diariamente. (LANDOWSKI, 1992, p. 119).

No que concerne à charge, a expectativa do leitor pode ser situada, ainda, em um terceiro aspecto: aquele em que se identifica o processo de reconstrução da história do presente, próprio do estilo do gênero. Nesse plano, a tensão manifesta-se nas relações intertextuais e interdiscursivas em que se produz o texto chárigo e exige do leitor diferentes posições de leitura – uma que se faz no

contato com a informação considerada “séria” e outra que reconhece na caricatura plástica e verbal o tom da denúncia, da zombaria, do descrédito. As diferentes posições de leitura decorrem de convenções previstas no discurso jornalístico e nos gêneros que o integram. Ri-se de uma charge política, porque tal é o efeito que se produz no enunciado, mas não se espera o riso do mesmo fato discutido nas páginas de opinião ou no noticiário.

Outras formas de riso decorrem também da posição de leitura diante do humor negro em charges, já que tal expressão de humor faz-se de maneira tensiva na representação de elementos trágicos tratados sob o prisma da sátira e do escárnio. Essa tensão materializa-se no enunciado e revela estados emotivos percebidos a partir de referências sócio-históricas e culturais dos sujeitos da enunciação. Ao mesmo tempo, possibilita compreender a orientação social nos usos da linguagem e na constituição de gêneros e estilos, discussões que se estendem a seguir.

### **O humor negro em charges impressas: uma leitura da emoção na configuração do estilo**

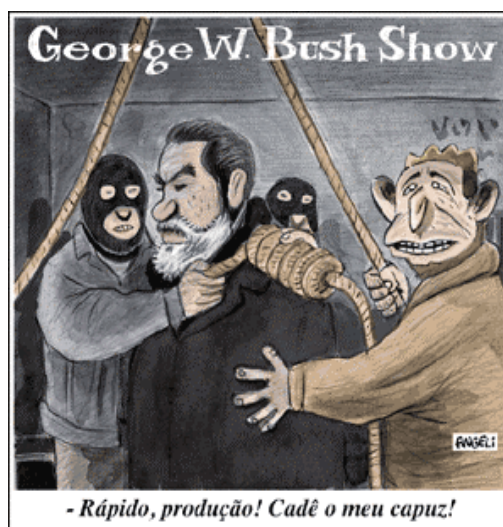
*A emoção, o juízo de valor, a expressão são coisas alheias à palavra dentro da língua, e só nascem graças ao processo de sua utilização ativa no enunciado concreto. (M. Bakhtin)*

Com bases na explanação anterior, examinamos o percurso de sentido do humor negro em duas charges de Angeli, publicadas na Folha de S. Paulo, com temáticas relativas ao evento da pena de morte de Saddam Hussein. Consideramos, na análise, os elementos de configuração do estilo, com destaque às manifestações de linguagem recorrentes na produção do enunciado, seja nas relações intertextuais e no diálogo com outros gêneros do jornalismo, seja no sincretismo dos recursos expressivos.

No estudo da charge, as modificações nas formas de produção do humor crítico revelam aspectos da movimentação da linguagem na representação e reconstrução dos acontecimentos. A caricatura – recurso expressivo não-verbal

para a representação cômica ou satírica de traços singulares de pessoas ou acontecimentos – cria na charge o efeito de deformação e/ou desqualificação. Ora os ataques críticos são conduzidos de maneira mais velada, com as sutilezas da ironia e da inversão, ora o ataque é mais óbvio e suscita o riso fácil, provocado mais pela deformação do que pela desqualificação do objeto caricaturado. Diferentemente do texto humorístico em geral, cuja finalidade, ao lado da satisfação do prazer estético, é fazer rir, a caricatura política ou social raramente produz o riso despreocupado.

No que diz respeito aos matizes do humor negro na charge política, como segue, acentua-se o tom de denúncia para produzir um riso inusitado, resultante da oposição trágico vs. cômico.



Fonte: *Folha de S. Paulo* – Opinião – 01/1/2007

Editada na página de opinião da Folha de S. Paulo no dia seguinte à execução de Saddam Hussein, a charge de Angeli dialoga com a foto divulgada na primeira página do jornal e que retrata o evento em questão, noticiado ao vivo pela TV iraquiana, conforme reproduzimos abaixo.



Fonte: *Folha de S. Paulo* – Primeira página – 31/12/2006

No enunciado em análise (charge), George W. Bush representa, simultaneamente, os papéis de sujeito do fazer (carrasco) e de sujeito de estado (ator de uma cena/comédia). Como um sujeito do fazer, Bush se mostra responsável pela transformação “vida em morte”, ao segurar um das cordas do aparato de enforcamento de Saddam Hussein. Bush é o protagonista da cena em que as categorias *trágico vs cômico* constituem variáveis que se distanciam e se aproximam na construção do humor cáustico. A figura lúgubre do carrasco contrasta com a fala “Rápido, produção! Cadê meu capuz!” e cria a idéia da cena de um *show* em que o protagonista pode ser identificado, na charge, como o sujeito que provoca o riso, e no noticiário, como sujeito que suscita a crítica, a reprovação, apreciações criadas também no diálogo com o texto transcrito a seguir, publicado na *Folha de S. Paulo* – Mundo - em 31/12/2007.

### **"Julgamento foi justo", afirma Bush**

Leia a íntegra da nota divulgada pelo presidente dos EUA, George W. Bush, uma hora e meia depois do enforcamento de Saddam Hussein: Hoje, Saddam Hussein foi executado depois de receber um julgamento justo - o tipo de Justiça que ele negou a vítimas do seu regime brutal. Julgamentos justos eram inimagináveis sob o regime tirânico de Saddam Hussein. É um testemunho da decisão do povo iraquiano de seguir em frente depois de décadas de opressão o fato de que, apesar de seus crimes terríveis contra seu próprio povo, Saddam Hussein tenha recebido um julgamento justo. Isso não teria sido possível sem a determinação do povo iraquiano de criar uma sociedade governada pelo império da lei. A execução de Saddam Hussein vem no fim de um ano difícil para o povo iraquiano e para nossos soldados. Trazer Saddam à Justiça não vai acabar com a violência no Iraque, mas é um



marco importante na trajetória iraquiana para se tornar uma democracia que possa se governar, se sustentar e se defender, e que seja um aliado na Guerra ao Terror. Hoje somos lembrados do quão longe o povo iraquiano chegou desde o fim do regime de Saddam Hussein - e que o progresso que eles fizeram não seria possível sem o serviço constante de nossos homens e mulheres em uniforme. Muitas escolhas difíceis e mais sacrifícios nos esperam. Mas a segurança do povo americano exige que não hesitemos em garantir que a jovem democracia iraquiana continue a progredir.

Na transcrição do pronunciamento do governante norte-americano, é possível identificar passagens que reiteram o discurso ocidental de valorização da democracia, da segurança e dos direitos humanos. Tais passagens criam, ao mesmo tempo, efeitos de sentido de justificativa para as práticas de violência ou de apoio à violência registradas na história política dos Estados Unidos: "Trazer Saddam à Justiça não vai acabar com a violência no Iraque, mas é um marco importante na trajetória iraquiana para se tornar uma democracia que possa se governar, se sustentar e se defender, e que seja um aliado na Guerra ao Terror". Mais adiante e já em tom conclusivo, o pronunciamento destaca a interferência norte-americana no "progresso" do povo iraquiano, iniciado com o afastamento de Saddam Hussein. Nota-se, sobretudo, como o discurso ameniza a atuação de soldados enviados para combate e valoriza e/ou justifica as ações de violência desencadeadas nos conflitos políticos:

Hoje somos lembrados do quão longe o povo iraquiano chegou desde o fim do regime de Saddam Hussein - e que o progresso que eles fizeram não seria possível sem o serviço constante de nossos homens e mulheres em uniforme. Muitas escolhas difíceis e mais sacrifícios nos esperam. Mas a segurança do povo americano exige que não hesitemos em garantir que a jovem democracia iraquiana continue a progredir.

No universo passional, revela-se na figura de Bush um sujeito da vaidade que passa pelo crivo do observador social. Elementos de regulação cultural e social constroem o simulacro da moralização, a partir da "existência de forças coesivas e de forças dispersivas, dentre as quais equilíbrios e desequilíbrios instáveis" desenhando "o lugar dos valores coletivos e individuais" (GREIMAS & FONTANILLE, 1993, p. 150). A imagem de Bush representa, na enunciação, atitudes violentas que a sociedade condena, quando colocadas em confronto e entendidas na

circularidade que gera outras formas de violência, como percebemos pelas frases da *Folha* de 31/12, a seguir.

*"Trazer Saddam à Justiça não vai acabar com a violência, mas é um marco importante na trajetória iraquiana para a democracia"*

**GEORGE W. BUSH**

Presidente dos EUA

*"Uma execução é sempre trágica, mesmo no caso de pessoa culpada de crimes graves"*

**FREDERICO LOMBARDI**

Porta-voz do Vaticano

Pode-se identificar no enunciado (charge) o papel de um observador social que assume o discurso moral e revela deliberadamente a face do sujeito representado. No percurso da crítica e do julgamento, perspectiva da semiótica das paixões, a sensibilização e a moralização são "procedimentos constitutivos das taxionomias culturais" e do papel que desempenham na regulação da intersubjetividade (GREIMAS & FONTANILLE, 1993, p. 156), de modo que o reconhecimento de estados passionais e morais seja entendido como procedimento de construção de sentidos de textos, neste caso e particularmente, da charge de humor negro. No enunciado em análise, observam-se operações discursivas que fazem emergir ora o sujeito que satiriza e critica, ora o que denuncia e julga. Considerando, com bases nas reflexões bakhtinianas, que a característica distintiva dos *enunciados concretos* diz respeito às conexões estabelecidas com o contexto extraverbal da vida, no percurso de sentido do humor negro da charge em estudo os julgamentos "não são emoções individuais, mas atos sociais regulares e essenciais. Emoções individuais podem surgir apenas como *sobretons* acompanhando o tom básico da avaliação social."<sup>2</sup> O enunciador manifesta em discurso sua trajetória de sujeito social, posiciona-se em relação aos referenciais culturais que penetram seu tempo e seu espaço.

Na multiplicidade de vozes que integram o enunciado em análise, o humor negro dialoga também com o artigo de Robert Fisk, do *Independent*, publicado na

---

<sup>2</sup> Bakhtin/Voloshinov. *Discurso na vida e discurso na arte* (trad. de C. A. Faraco e C. Tezza (mimeo)).

Folha de S. Paulo (Mundo) de 31/12/2006. Alguns fragmentos são transcritos a seguir:

**A Besta de Bagdá e os outros culpados**  
**ROBERT FISK DO "INDEPENDENT"**

Saddam Hussein ao cadafalso. Foi uma equação fácil. Quem poderia merecer mais fazer aquela última caminhada ao cadafalso -aquele estalo do pescoço no final de uma corda - do que a Besta de Bagdá, o Hitler do Tigre, o homem que assassinou centenas de milhares de inocentes iraquianos ao jogar armas químicas sobre seus inimigos? Nossos mestres nos dirão que é um "grande dia" para os iraquianos e esperarão que o mundo muçulmano perdoe o fato de sua sentença de morte ter sido assinada -pelo "governo" iraquiano, mas em nome dos americanos - na véspera do Eid al Adha, o Festa do Sacrifício, o maior momento de perdão no mundo árabe. Mas a história registrará que os árabes e os outros muçulmanos e, de fato, muitos milhões no Ocidente, farão outra pergunta neste fim de semana, uma questão que não será colocada em outros jornais ocidentais porque não é a narrativa dada a nós por nossos presidentes e por nossos premiês: e os outros culpados? Não, o premiê britânico, Tony Blair, não é Saddam. Não usamos gás contra nossos inimigos. O presidente George W. Bush não é Saddam. Ele não invadiu o Irã ou o Kuwait. Ele apenas invadiu o Iraque. Mas centenas de milhares de civis iraquianos estão mortos - e milhares de soldados ocidentais estão mortos - porque os senhores Bush e Blair e o premiê espanhol e o premiê italiano e o premiê australiano foram à guerra em 2003 num caldeirão de mentiras e falsidade e, dadas as armas que usamos, com grande brutalidade. Na seqüência dos crimes internacionais contra a humanidade de 2001, nós torturamos, assassinamos, brutalizamos e matamos inocentes - até mesmo acrescentamos nossa vergonha no presídio iraquiano de Abu Ghraib à vergonha do regime de Saddam em Abu Ghraib - e temos de esquecer esses crimes terríveis enquanto aplaudimos o corpo balançante do ditador criado por nós. Quem incentivou Saddam a invadir o Irã em 1980 - o maior crime de guerra que ele cometeu por levar à morte um milhão e meio de almas? Quem vendeu a ele os componentes para as armas químicas com as quais ele encharcou o Irã e os curdos? Fomos nós. Não é surpresa que os americanos, que controlam o estranho julgamento de Saddam, tenham proibido qualquer menção disso, sua atrocidade mais obscena, nas acusações contra ele. Ele não poderia ter sido entregue aos iranianos para ser julgado por esse crime de guerra em massa? Está claro que não - porque isso exporia a nossa culpabilidade. [...] No início, os que sofreram com a crueldade de Saddam vão saudar sua execução. Mas eles - e milhões de outros muçulmanos - se lembrarão de como ele foi informado de sua morte na véspera da Festa do Sacrifício, que lembra a decisão de Abraão de sacrificar seu filho, festa que mesmo Saddam cinicamente celebrava soltando prisioneiros. "Entregue às autoridades iraquianas" ele pode ter sido antes da morte. Mas sua execução ficará - corretamente - como um assunto americano e o tempo acrescentará seu falso mas duradouro retoque a tudo isso - que o Ocidente destruiu um líder árabe que não obedecia mais às ordens de Washington e que, apesar de todos os seus erros (e este será o terrível eufemismo para os historiadores árabes), Saddam morreu como "mártir" sob novos "cruzados". [...]

Nesse artigo, o enunciador ora assume a posição de sujeito coletivo, ora se constitui como observador-avaliador, numa articulação de papéis que revelam o sujeito sensível da enunciação. Como sujeito coletivo, manifesta-se lingüisticamente na pessoa "que fala" socialmente - *"Fomos nós"; "[...] isso*

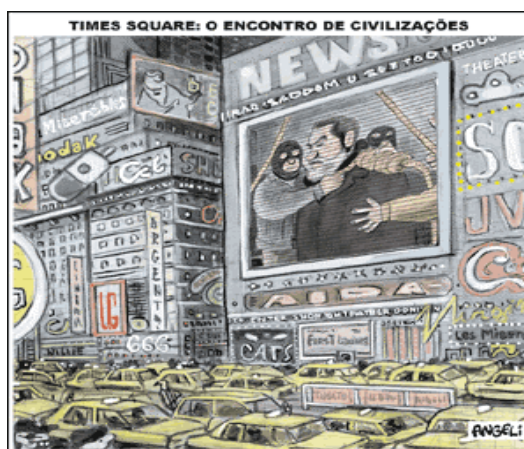
*exporia a nossa culpabilidade“; “E os assassinatos em massa que perpetramos em 2003[...], entre outras ocorrências do texto em que ocorre a primeira pessoa do plural, ainda que esse “nós” não seja verdadeiro, posto que se destina muito mais à avaliação de um estado coletivo – nós, os americanos – que a uma indeterminação de atitudes e responsabilidades. Como observador, relata em terceira pessoa transformações decorrentes do poder-fazer norte americano e se apresenta como “papel social” – “Não é surpresa que os americanos, que controlam o estranho julgamento de Saddam, tenham proibido [...]”. Mais adiante, o enunciador evidencia a culpabilidade do ocidente, representado pelo governo americano – “[...]o Ocidente destruiu um líder árabe que não obedecia mais às ordens de Washington e (...), apesar de todos os seus erros (e este será o terrível eufemismo para os historiadores árabes), Saddam morreu como “mártir” sob novos “cruzados”.”*

Das posições em que se manifesta, o observador social revela estados de inquietude e reprovação, emoções *constitutivas* do sujeito sensível, ou seja, do ponto de vista cultural ocidental, tanto a pena de morte quanto as intervenções violentas que se justificam em nome da democracia e da segurança têm gerado reações conflitantes, em especial quando se trata de atribuir culpas e responsabilidades. Entende-se, pois, que a sensibilização atualiza no discurso uma “propriedade do sujeito” integrada a uma cultura, posto que agrega posições interindividuais.

Ainda em relação à produção do humor negro na charge de Angeli, as manifestações do enunciador levam à interpretação, em discurso, de uma aparente frieza, ou seja, ao assumir a posição de observador social, reage ao “sensível adquirido”, cria o simulacro da frieza por meio do escárnio. Neste momento, a tensão se estabelece em meio às determinações sociais contrárias à pena de morte e, assim, vale-se da produção do riso cáustico para se manifestar criticamente e julgar. Do posicionamento em relação ao riso emergem as emoções do enunciador. O riso cáustico provocado no humor negro é uma reação ao estado afetivo de desagrado, de insatisfação, mas também de impotência frente à

irreversibilidade da situação retratada. Ri-se do que se condena, do que já está feito e não pode se mudado.

A segunda charge, reproduzida a seguir, circulou na página de opinião da *Folha de S. Paulo* seis dias após a execução de Saddam Hussein. Como uma forma crítica de apresentar a fugacidade com que as tragédias sociais são tratadas, Angeli transporta para o cenário de divulgação de marcas, produtos e eventos, em Times Square, a caricatura da foto do enforcamento, divulgada pela televisão.



Fonte: *Folha de S. Paulo* – Opinião – 5/1/2007

Não mais como representação de um *show* protagonizado por Bush, a charge tematiza o dia-a-dia no ocidente e, em linguagem predominantemente não-verbal, retrata o movimento intenso de pessoas alheias a um fato que já pertence ao passado. Propagandas, edificações, fluxo de carros e pessoas camuflam a seriedade do evento e conferem a ele o estado da fugacidade, posto que entre intensa movimentação e efeitos visuais, o fato torna-se *mais um* no cotidiano dos norte-americanos.

Analisada na perspectiva do estilo geral do gênero, a charge não revela, sozinha, o percurso da sensibilização e da moralização. Assim como se organiza em vista de relações intertextuais e interdiscursivas, é também nessas relações que se verificam, na charge, paixões socializadas e moralizadas. No confronto discursivo estabelecido entre a informação considerada séria e a informação

caricaturada, observa-se que a moralização é coletiva, posto que se faz na totalidade do jornal e no sentido de que este simultaneamente informa e constrói identidades/referências sociais, de onde se manifesta também o observador social.

Como um dos poucos elementos verbais da charge, o título “Times Square: encontro de civilizações” adquire sentido particular em relação às características do local mencionado. Trata-se, pois, de uma referência cuidadosa e significativa para o conteúdo da charge: bairro da cidade de Nova York, localizado na região de Manhattan, que abriga grandes nomes da economia internacional, como a bolsa de valores NASDAQ e os famosos estúdios MTV, entre outros, além de grande concentração de etnias e culturas. É também em Times Square que se assiste a uma das mais famosas comemorações de passagem de ano, ocasião próxima ao enforcamento de Saddam Hussein. Inserida no contexto de Times Square e no contexto do ocidente, a cena da charge suscita interpretações como:

- no intenso movimento de carros e pessoas, a violência torna-se algo banal no dia-a-dia das pessoas comuns: a vida continua;
- no cenário capitalista, divulga-se mais um produto norte-americano: a violência que se justifica como ação fundamental para a segurança dos Estados Unidos da América;
- no “encontro de civilizações”, o conflito cultural se estabelece: a morte do ditador noticiada no painel (“*news*”) possibilita a leitura da dominação e da conquista de interesses políticos e econômicos, ainda que, de modo geral, nada mude na vida de iraquianos e norte-americanos anônimos.

No que concerne ao julgamento moral, a assunção da “vergonha” e da “culpa” reveste o discurso da crítica séria contida no artigo de Robert Fisk, transcrito anteriormente. A *culpa* – responsabilidade por conduta negligente ou imprudente - manifesta-se literalmente no título “A Besta de Bagdá e os outros culpados”, nas sentenças interrogativas “[...] e os outros culpados?”; “[...] quem será declarado culpado disso?”, e nas construções assertivas decorrentes de questionamentos do locutor, como em “[...] Ele (Saddam Hussein) não poderia ter sido entregue aos iranianos para ser julgado por esse crime de guerra em massa?”

*Está claro que não – porque isso exporia nossa culpabilidade”. A vergonha – sentimento de desonra, provocado por escrúpulos – engendra a coesão dos comportamentos morais observados no discurso, como fatores de aproximação e equivalência de interesses nas diferentes situações que envolvem diferentes culpados: “[...] Na seqüência dos crimes internacionais contra a humanidade de 2001, nós torturamos, assassinamos, brutalizamos e matamos inocentes – até mesmo acrescentamos nossa vergonha no presídio iraquiano de Abu Ghraib à vergonha do regime de Saddam em Abu Ghraib – e temos que esquecer esses crimes terríveis enquanto aplaudimos o corpo balançante do ditador criado por nós.”*

Transposto e analisado no contexto da charge, e em vista da existência de um sujeito coletivo no jornalismo crítico-opinativo, o julgamento adquire maior sutileza na expressão plástica. A assunção/atribuição de culpa passa a ser representada por meio de inclusão ou exclusão de elementos caricaturais, como segue:



Na primeira charge de humor negro analisada, a inclusão da caricatura de Bush produz o efeito de sentido da responsabilidade, de um *fazer* prestes a se concretizar – o sujeito política norte americana é o agente desse *fazer*, quando nele se lê *a eliminação do mal, o combate à violência*. Já a segunda charge exclui a figura de Bush e, por meio do diálogo, parafraseia o discurso da informação. O corte da imagem de Bush produz o efeito das máscaras, oculta responsáveis, mas

nas entrelinhas do anonimato a responsabilidade norte-americana é simbolizada pela mão esquerda de Bush apoiada em Saddam e pela mão direita que segura a corda. Enunciador e enunciatário reconhecem na sutileza da expressão um já-dito. O posicionamento das mãos sugere “controle da situação” que, como vimos acima, é divulgada em Times Square como “produto norte-americano”.

Convém observar que entre as duas charges mencionadas o humor negro configura-se em diferentes níveis de manifestação. Na charge de 01 de janeiro, o efeito *trágico vs cômico* é mais evidente e induz com maior intensidade o riso cáustico. Já na charge de 05 de janeiro tal efeito é amenizado e a opinião crítica ganha maior espaço. Essa movimentação da linguagem pode conduzir as apreciações sobre o discurso moral nas charges em análise, visto apontar avaliações negativas contidas na opinião. O enunciador sensibiliza para as diferentes formas de riso, ou sua ausência, na medida em que coloca em julgamento, de forma mais intensa, a vaidade e a ambição do sujeito *política norte-americana* em relação ao objeto-valor *poder* (primeira charge mencionada acima). Com menor intensidade do *fazer-rir* (segunda charge apresentada), convoca em discurso a avaliação de posições que um sujeito coletivo *povo americano/ ocidental* assume frente ao fazer político da situação re-significada: os valores da sociedade capitalista sobrepõem-se às tragédias sociais, que caem na insignificância e no esquecimento.

### **Considerações finais**

*"O humor é a polidez do desespero."* (citado por G. Minois)

As reflexões sobre a constituição do humor negro em charges feitas até aqui devem ser entendidas como um exercício de leitura do gênero e do estilo, portanto, apenas prenunciam caminhos para o desenvolvimento de uma análise mais profunda e consistente. Por ora, reiteramos algumas das propostas deste



trabalho, no que diz respeito aos movimentos da linguagem na materialização dos discursos e também no que concerne à construção de sentidos.

Nas observações sobre o gênero, constatamos no estilo geral determinados usos da expressão que produzem, ao mesmo tempo, uma ilusão referencial e uma releitura do fato político, com matizes de humor e crítica. De forma intersubjetiva e interdiscursiva, a produção do texto chárstico possibilita compreender a complexidade das atividades de linguagem situadas no contexto sociocultural dos interlocutores, bem como os diferentes pontos de vista que se manifestam na enunciação e revelam valores coletivos e sociais. Entendidos como manifestações passionais dos sujeitos, tais valores podem se organizar em discurso sob a ótica do sujeito apaixonado – em que a sensibilização se manifesta – e sob a ótica de um observador social – em que surge a moralização. De acordo com Greimas e Fontanille (1993, p. 156), “a moralização pressupõe a sensibilização, e é por isso que o estudo do discurso moral repousa no conhecimento dos universos passionais”, entendidos em universos culturais.

Cabe, ainda, observar que o tratamento dado aos valores culturais nas charges analisadas orienta-nos a compreender os sentidos do riso na sociedade contemporânea. Como questiona Georges Minois (2003, p. 629), “o riso tem história ou atravessa séculos sem história?”. A partir desse questionamento, tentamos interpretar alguns dos efeitos do riso produzido pelo humor negro, considerando que cada sociedade, em cada época, constrói suas formas de rir e de fazer rir.

Na atualidade, o riso pode condensar a sensação de impotência da coletividade diante dos problemas sociais, em que o sujeito é, ao mesmo tempo ator e espectador. O humor negro cumpre, na charge, a função de promover a derrisão, explorar a crítica e suscitar julgamentos. O que está em evidência não é o “rir por rir”, o “rir por diversão”, mas uma reação de defesa paralela às atividades humorísticas tradicionais. O teor crítico-opinativo da charge alia-se aos recursos caricaturais para produzir um humor imediato, mas as temáticas políticas, em essência e historicamente polêmicas, conduzem a um efeito secundário do

humor marcado pelo escárnio. Em tom mais agressivo, o humor negro constrói-se na perspectiva inversa da felicidade. Por outro lado e com um tom moralizante, o humor negro, de acordo com André Breton (apud MINOIS, 2003, p. 582), “é uma expressão nobre do espírito humano, que lhe permite dominar os males da existência e as convulsões da história”.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.(francês) de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Trad. de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo, SP: Ática, 1993 (Série Temas, v. 33, Estudos semióticos).

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: EDUC/Pontes, 1992.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2003.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M.. *Discurso na vida e discurso na arte*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Disponível em: <http://www.shef.ac.uk/uni/academic/A-C/bakh/bakhtin.html>.